



# NOTA CRÍTICA

# Sobre *A Sagrada Família*: a superação do pensamento especulativo e contemplativo em Marx e Engels

Leonardo Dorneles Gonçalves\*

## O contexto da obra

*A Sagrada Família* foi escrita em Bruxelas no ano de 1845, sendo pensada a partir do segundo encontro de Marx com Engels ocorrido em 28 de agosto de 1844 em Paris, onde planejaram muito mais que a obra, firmando uma amizade a partir da luta política e da produção intelectual, a qual se estenderia por todas suas vidas. Neste período, Marx (especialmente) é interpelado por uma série de “influências”, entre as quais podemos destacar o distanciamento e, ao mesmo tempo, reconhecimento da filosofia contemplativa de Ludwig Feuerbach devido a sua contribuição para desvelar o problema da religião; a conformação de um pensamento que busca a “superação-conservação” ou *Aufhebung*, da filosofia hegeliana, principalmente em relação à dialética conceitual/espiritual que, no limite, é justificadora das condições sociais existentes e sua manutenção; e o definitivo rompimento por meio de contundentes críticas – por vezes irônicas – ao pensamento também religioso e especulativo, mas raso, se comparado a Feuerbach e ao próprio Hegel, dos jovens hegelianos, articulados em torno dos irmãos Bauer (Bruno, Edgar), que são objeto do livro em destaque.

Aproximadamente vinte cadernos foram escritos pelos autores, analisando textos publicados nas edições do *Jornal Literário Geral*<sup>1</sup>. Sobre isso, é importante dizer que já o título da obra demonstra a crítica que os autores atribuem aos membros e parceiros do jornal onde eram publicados os artigos escritos pelos jovens hegelianos coordenados por Bruno Bauer. *A Sagrada Família* é um claro e manifesto achaque contra os irmãos Bauer, devido ao elevado teor religioso do seu pensamento, que se manifestava em críticas abstratas e idealistas. Isso significa que a posição política dos jovens hegelianos era, contraditoriamente, o afastamento da política, do mundo, “das massas”, pois se entendiam como portadores da capacidade de tecer crítica justamente por conta desse afastamento. A

---

\* Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Pelotas – UFPel. E-mail: dorneles05@gmail.com

<sup>1</sup> Este jornal existiu entre dezembro/1843 a outubro/1844 em Berlim, com periodicidade mensal. Marx e Engels tiveram acesso a oito exemplares e sobre eles teceram suas considerações. Engels entregou 20 páginas, às quais se somaram as mais de 300 escritas por Marx.

condição de possibilidade para o estabelecimento da Crítica crítica<sup>2</sup> é, ironicamente, a negação, o abandono da vida em sua forma sensível e da política em sua expressão mais elementar e concreta. Para os jovens hegelianos, fazer a Crítica crítica é mais importante que uma participação na vida política e social de seu tempo. Entendem que a sua Crítica crítica está em oposição antagônica ao movimento das massas – trabalhadores, capitalistas, camponeses –, compreendendo-as com baixo grau de complexidade no que tange à distinção das diferentes classes, e, principalmente, que as massas não produzem saberes capazes de alcançar a sua crítica. A condição “profana” das massas, para o grupo de Bauer, a limita e inferioriza no exercício crítico do pensamento. Sob essas condições, Marx e Engels escrevem a crítica da Crítica crítica, justamente em um período em que as ideias do jornal já provocavam determinada influência na vida e na opinião pública em geral.

Certamente, *A Sagrada Família* é uma das obras que expressa o vigor da formulação do pensamento marxiano e a sua elasticidade no que diz respeito ao exercício crítico acerca de diversos assuntos, dos mais diferentes matizes, constituindo uma postura analítica fundamental que lhe possibilitará, junto com as superações teóricas e rompimentos políticos necessários, avançar na direção do amadurecimento para uma compreensão científica das relações sociais. É curioso que este foi o primeiro livro escrito em coautoria pela dupla Marx-Engels, ainda que o fizessem a distância. No entanto, a amizade inaugurará para ambos a base sobre o qual se construirá uma sólida interpretação sociohistórica das relações sociais, a qual ficará mais clara e consistente tanto nas *Teses sobre Feuerbach*, quanto na obra *A Ideologia Alemã*, do mesmo ano.

### **Destaques da obra e sua centralidade**

Para que possamos entender o desenvolvimento das ideias que os autores transmitem na obra, optou-se pela transcrição de algumas citações que, em nosso entendimento, expressam a centralidade da crítica de Marx e Engels à *Sagrada Família*.

O *humanismo real* não tem, na Alemanha, inimigo mais perigoso do que o *espiritualismo* – ou *idealismo especulativo* –, que, no lugar do ser humano individual e verdadeiro, coloca a “autoconsciência” ou o espírito e ensina, conforme o evangelista: “O espírito é quem vivifica, a carne não presta”. [...] O que nós combatemos na Crítica baueriana é justamente a especulação que se reproduz a maneira de *caricatura*. Ela representa, para nós, a expressão mais acabada do princípio cris-

<sup>2</sup> Mantém-se o termo “Crítica crítica” para garantir o sentido atribuído pelos autores no livro.

tão-germânico, que faz sua derradeira tentativa ao transformar *a crítica* em si numa força transcendental (Marx & Engels, 2011, p. 15; grifos no original).

Engels<sup>3</sup> apresenta, nas primeiras linhas do texto, a motivação primária pela qual se movem na direção de desmistificar o pensamento especulativo e religioso. É importante considerar que o modo *contemplativo* de compreensão do mundo – caracterizado por determinada criação ideal e externa de algo a nossa imagem, seu estranhamento, inversão e autonomização, isto é, o criador entendido como criatura, a Ideia fundante do Real, a determinação do conceito à coisa – consiste, evidentemente, na negação da história enquanto construto humano nas relações, sendo tomada como reflexo da prévia concepção que se aliena na realidade e, portanto, como “carne”, imperfeita. Daí, a inferiorização que o pensamento especulativo/contemplativo confere à história:

A Crítica, que se basta a si mesma, que se completa e encerra-se em si mesma, naturalmente não pode reconhecer a história tal como ela de fato aconteceu, pois isso significaria reconhecer a massa ruim em toda a sua massificação massiva, quando se trata justamente de libertar a massa da massificação. Com isso, a história é libertada de sua massificação, e a Crítica, que adota uma atitude *livre* em relação a seu objeto, grita para a história: *tu debes ter ocorrido de tal ou qual modo!* (*Ibidem*, p. 21; grifos no original).

Mais uma vez, Engels demonstra o lugar que os seres humanos ocupam no desenvolvimento do pensamento da Crítica crítica. Na condição de massa<sup>4</sup>, os seres humanos estariam no plano da história enquanto reprodução imperfeita do conceito, o espírito provedor da realidade. Disso, infere-se que as manifestações genuinamente humanas, se não elevadas à condição de universalização da ideia, do espírito, encontram limites que escravizam os seres humanos e competem para sua mesquinhez. É neste aspecto que o Amor é objeto da Crítica crítica. O amor como um desconhecido, que não se sabe de onde vem, nem para onde vai. Porém, Marx conduz o entendimento tomando por base o fundamento real do Amor no processo de humanização:

<sup>3</sup> O livro é constituído por uma série de análises críticas de Marx e Engels aos textos produzidos no Jornal coordenado por Bruno Bauer. Porém, o fazem separadamente, ou seja, alguns capítulos são escritos por Marx, outros por Engels. Mencionaremos cada autor, individualmente, para ser fiel à obra.

<sup>4</sup> É preciso esclarecer que as massas, para os autores da Crítica crítica, se constituem nas relações históricas independentes das suas correlações, perpassadas pelas determinações oriundas da divisão social do trabalho etc. Para estes, trata-se da inferior externalização que jamais alcançará a Crítica, o pensamento pleno e, portanto, a condição de liberdade.

O senhor Edgar transforma o amor em um deus e em um “deus cruel”, seja dito, ao fazer do *homem enamorado*, ou seja, do amor *do homem*, o homem *do amor*, ao colocar o “amor” à parte do homem como ser, autonomizando-o. Através desse simples processo, através dessa metamorfoseação do predicado no objeto, podem-se transformar criticamente todas as determinações essenciais e todas as manifestações da essência do homem em *não-essência* e em *alienações* da essência (*Ibidem*, p. 31; grifos no original)<sup>5</sup>.

Neste sentido, caracterizada a inversão enquanto componente do pensamento especulativo/contemplativo dos jovens hegelianos, expressado, inclusive nos sentimentos que constituem as pessoas como seres humanos em inter-relações e/ou interações, é preciso demonstrar como Marx desconstrói a elaboração “irracional” de Bauer, quando este realiza a Crítica crítica a Proudhon e à sua obra *O que é a propriedade?*. Para Marx, a fragilidade consiste em que:

Na opinião do senhor Edgar, *ter* e *não ter* são, para Proudhon, *categorias* absolutas. A Crítica crítica vislumbra por tudo apenas categorias. Desse modo, o *ter* e o *não ter*, o salário e o soldo, a penúria e a necessidade, o trabalho por necessidade são, segundo o senhor Edgar, nada mais que categorias.

Se a sociedade tivesse que se livrar apenas das *categorias* do *ter* e do *não ter*, quão fácil não seria a qualquer dialético, mesmo que fosse ainda mais fraco do que o senhor Edgar, alcançar a “superação” e a “suprassunção” dessas categorias! (*Ibidem*, p. 54).

Vejamos que o entendimento de categoria apresentada por Marx acerca do pensamento contemplativo ganha um significado diferente daquele assumido pelo próprio autor, quando da análise de objetos concretos em uma realidade concreta. Difere-se, também, da noção de categoria em Hegel, uma vez que este, ainda que considere que a determinação precípua encontra-se no conceito/ideia/espírito do ser, necessita alienar a formação conceitual enquanto derivação histórica, o que caracteriza certa inter-relação dialética entre o ideal e o real. Neste sentido, portanto, como se dá a dinâmica do pensamento especulativo / mistificador e como procede em relação ao uso das categorias de análise? Marx vale-se de uma simples analogia, para demonstrar, uma vez que o conceito é captado na forma do processo de abstração, como ele retorna a sua condição determinante:

<sup>5</sup> “O que a Crítica crítica quer combater com isso não é apenas o amor, mas tudo aquilo que é vivo, tudo que é imediato, toda a experiência sensual, toda experiência real, inclusive, da qual não se sabe com antecipação o ‘de onde’ e o ‘para onde’ (p. 34).

Quando, partindo das maçãs, das peras, dos morangos, das amêndoas reais eu formo para mim mesmo a representação geral “fruta”, quando, seguindo adiante, *imagino* comigo mesmo que a minha representação abstrata “a fruta”, obtida das frutas reais, é algo existente fora de mim e inclusive o *verdadeiro* ser da pera, da maçã etc., acabo esclarecendo – em termos *especulativos* – “a fruta” como “substância” da pera, da maçã, da amêndoa, etc. Digo, portanto, que o essencial da pera não é o ser da pera, nem o essencial da maçã é o ser da maçã. Que o essencial dessas coisas não é a sua existência real, passível de ser apreciada através dos sentidos, mas sim o ser abstraído por mim delas e a elas atribuído, o ser da minha representação, ou seja, “a fruta” (*Ibidem*, p. 72; grifos no original).

Entretanto,

A especulação, que converte as diferentes frutas reais em *uma* “fruta” da especulação, *na* “fruta”, tem de, para poder chegar à aparência de um conteúdo real, necessariamente tentar – e de qualquer maneira – retornar *da* “fruta”, da *substância*, para os *diferentes tipos* de frutas reais e profanas, para a pera, a maçã, a amêndoa etc. E tudo que há de fácil no ato de chegar, partindo das frutas reais para chegar à representação abstrata “a fruta”, há de difícil no ato de engendrar, partindo da representação abstrata, “a fruta”, as frutas reais. Chega a ser impossível, inclusive, chegar ao *contrário* da abstração ao se partir de uma abstração, quando não *desisto* dessa abstração.

Por isso o filósofo especulativo desiste da abstração *da* “fruta”, porém desiste dela de um modo *especulativo*, *místico*, ou seja, mantém a aparência de *não* desistir dela. Na realidade, portanto, ele apenas abandona a abstração de maneira aparente. Ele raciocina a respeito disso mais ou menos conforme segue:

Se a maçã, a pera, a amêndoa, o morango na verdade não são outra coisa que “a substância”, “a fruta”, cabe perguntar-se: como é que “a fruta” por vezes se apresenta na condição de maçã e por outras vezes na condição de pera ou amêndoa? De onde provém esta *aparência de variedade*, que contradiz de modo tão sensível a minha intuição especulativa da *unidade*, “da substância”, “da fruta”? (*Ibidem*, p. 73; grifos no original).

Disso, destacaríamos alguns limites que dão consistência à crítica da Crítica crítica que Marx e Engels efetuam ao grupo coordenado por Bruno Bauer. Primeiramente, é possível afirmar que, no que se refere ao aspecto religioso e con-

templativo do pensamento especulativo, trata-se de uma tentativa de ler os fenômenos reais, a própria história, de maneira ahistórica, descolando a explicação do objeto analisado – a vida social – do seu desenvolvimento específico e de suas determinações internas. Isso resulta na autonomização da representação/categoria em detrimento da sua manifestação aparente. Por isso, esse grupo jamais consegue dar razões efetivas para a explicação dos fenômenos sociais, o que faz atribuindo suas causalidades como expressão do mistério. É o caráter contemplativo do pensamento especulativo.

De outra parte, cabe evidenciar a noção estreita que os jovens hegelianos possuem da dialética, o que fica razoavelmente demonstrado na crítica de Marx ao apontar a insuficiência com que explicam como o conceito retorna “age” na história. Assim, destoam substancialmente de Hegel, o qual entendia que o movimento da ideia deveria encontrar-se ou chocar-se com os limites da manifestação histórica, conformando o processo dialético. O caráter especulativo aborta a condição de retorno do pensamento ao real e é, por isso, insuficiente para o entendimento complexo da sociedade.

Talvez, a necessária ruptura de Marx com os jovens hegelianos tenha sido motivada por força, entre outros motivos, da presunção analítica de que se valiam em suas análises da sociedade industrial à época. Nas primeiras páginas da obra, Marx dedica uma desconcertante crítica a Edgar Bauer, o qual se propôs a aventura da Crítica crítica ao livro de Proudhon – *O que é a propriedade?* A relação que estabeleciam com o “mundo profano” ou “a massa”, inferiorizando-a, não lhes permitiu superar o idealismo mais elementar na direção de uma dialética das situações reais e concretas da vida, quiçá sua intervenção no campo político e, por isso, foram por demais simplórios em suas manifestações “Críticas”. Desse modo, Marx e Engels reafirmam não somente que a análise crítica é fundamental ao processo revolucionário, mas que, como tal, só é possível no envolvimento nas lutas sociais e políticas de cada época.

### Referências

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *A Sagrada Família ou a crítica da Crítica crítica contra Bruno Bauer e seus consortes*. Tradução – Marcelo Backes. São Paulo: Boitempo, 2011.

Recebido em 11 de dezembro de 2015

Aprovado em 10 de março de 2016